



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Campos, a lavoura do açúcar e a industrialização do álcool

(DISCURSO PRONUNCIADO EM CAMPOS,
NO TEATRO TRIANON, POR OCASIÃO DO
BANQUETE OFERECIDO PELAS CLASSES
CONSERVADORAS, A 23 DE JUNHO
DE 1936)

SUMÁRIO

A civilização da baixada fluminense girou em torno do açúcar — A opulência da vida de Campos no século XIX — O Governo Provisório e a crise da lavoura do açúcar — O Instituto do Açúcar e do Alcool.

Senhores: Expressando os meus agradecimentos pelas carinhosas manifestações recebidas do povo, autoridades e classes representativas do rico e histórico Município de Campos, tenho especial satisfação em reafirmar o interesse que sempre mereceu do meu Governo a nobre terra fluminense e este grande centro de trabalho agro-industrial, notável, desde os tempos do Império, pela inteligência e pela capacidade realizadora dos seus filhos.

Toda a civilização da baixada fluminense girou, no século passado, em torno do açúcar. Campos foi sempre o empório da sua produção, no Sul do país. Dos quinhentos engenhos e engenhocas daquela época, passou, com primazia, a utilizar os processos técnicos mais avançados, que transformaram em grande indústria, com todas as características da mecanização e financiamento, a rudimentar economia patriarcal, baseada no trabalho escravo.

Da opulência da vida de Campos, no século XIX, dão notícias encomiásticas numerosos viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil, nesse período de notória expansão da sua riqueza agrícola. Da feracidade dos canaviais, da abundância das colheitas, da vida brilhante e faustosa dos senhores de engenho, adveiu-lhe influência preponderante na própria política da corte, com projeção remarcável no cenário nacional. Período de tão acentuado progresso não resistiu, infelizmente, às profundas perturbações resultantes da mudança do regime de trabalho. Campos, como tantos outros centros de intensa vida econômica, sofreu os efeitos depressivos da brusca substituição do braço escravo pelo assalariado, com repercussão

A NOVA POLÍTICA DO BRASIL

na própria vida administrativa, constantemente perturbada pelas lutas de um partidarismo extremado e dispersivo.

A lavoura do açúcar, que dera pujança ao grande trato de terras do Paraíba, decaíra, anemizada pelo aviltamento dos preços. Para reanimá-la, tomaram-se medidas de emergência de resultados sempre falhos. As oscilações do mercado faziam-se como jogo de especulação, com sacrifício exclusivo dos interesses do produtor. A carência de crédito e de capitais disponíveis jungia à torina os processos de produção industrial, que, por falta de recursos financeiros, permaneciam impossibilitados de acompanhar os progressos técnicos.

O que fez o Governo Federal, com o propósito evidente de estimular o novo surto da indústria açucareira, está bem presente na memória de todos.

Ao constituir-se, o Governo Provisório tratou, desde logo, de pôr em prática as medidas mais indicadas para debelar a profunda crise em que se vinha debatendo a lavoura do açúcar. Os preços haviam baixado, então, a nível nunca atingido, pois nem ao menos cobriam o custo da produção.

Como iniciativa preliminar, antes de proceder a um exame mais detido do problema, o Governo instituído pelo movimento nacional de outubro de 1930 determinou a obrigatoriedade do consumo do álcool carburante, pelo Decreto n. 19.398, de 11 de novembro de 1930, e autorizou o Banco do Brasil a operar o financiamento da safra, organizando, em seguida, pelos Decretos ns. 20.761, de 7 de dezembro de 1931, e 21.010, de 7 de fevereiro de 1932, a Comissão de Defesa da Produção do Açúcar.

Os resultados satisfatórios imediatamente atingidos determinavam, pouco mais tarde, as medidas definitivas. Os Decretos n. 22.789 e n. 22.981, ambos de junho de 1933,

CAMPOS

creavam e regulamentavam o Instituto do Açúcar e do Alcool e dispunham acêrca do incremento da indústria dos sub-produtos da cana, especialmente do álcool carburante.

Dentro do plano de sua organização, o Instituto funciona como aparelho regulador da indústria do açúcar e seus derivados. Ao mesmo tempo que faz sentir a sua atuação sôbre a estabilidade dos preços e o volume da produção, evita as manobras dos especuladores e procura, por todos os meios, ampliar os mercados de consumo. Orientado com zelo, inteligência e segurança, sempre no sentido das suas finalidades, o Instituto do Açúcar e do Alcool já realizou, no curto período de três anos, um trabalho de incontestável relêvo, grandemente proveitoso à lavoura açucareira e à própria economia nacional.

Os benefícios já alcançados são de todo evidentes: os preços permanecem estáveis, a exportação dos excedentes se faz normalmente e a indústria açucareira desfruta situação de inteiro desafôgo. A êsses benefícios cumpre, ainda, acrescentar os resultantes da criação da indústria do carburante nacional. Destilarias de álcool anidro, dotadas de maior capacidade, vieram facilitar o aproveitamento de cana remanescente do fabrico do açúcar e o próprio açúcar sem consumo imediato no país.

Sôbre as vantagens da industrialização do álcool depõe significativamente o acentuado crescimento da produção, que passou de 33 milhões de litros, em 1930, a 47 milhões, em 1935. O aumento assinalado está longe, entretanto, de satisfazer às necessidades do nosso consumo de combustível liquido, mesmo dentro dos limites da quota obrigatória de 10%. A mistura-carburante que, em 1933, não passou de 15 milhões, já em 1935, atingia a quasi 50 milhões de litros. Considerando que o tráfego rodoviário aumenta de modo constante e, conseqüentemente, o con-

A NOVA POLÍTICA DO BRASIL

sumo do combustível, conclui-se que a utilização do álcool-motor poderá fazer-se em proporções ainda muito maiores. Por outro lado, a industrialização progressiva do carburante nacional, além de beneficiar a lavoura açucareira, concorre para diminuir a importação da gasolina e, portanto, a saída de ouro.

O número já considerável de destilarias em funcionamento ficará em breve acrescido de mais duas, com instalações modernas e modelares. Uma delas aí está em construção, com capacidade para produzir, diariamente, 60 mil litros e custo orçado em 20.000:000\$. Campos recolherá diretamente os benefícios desse melhoramento, ficando aparelhado para desenvolver em condições excepcionais a sua indústria básica. Diante de perspectivas tão animadoras, a ação dos seus homens de trabalho não pode esmorecer. Vinculados ao progresso campista de aspectos tão intensos e multiformes, tudo os impele a prosseguir resolutamente nas fecundas iniciativas que vêm fazendo a prosperidade deste privilegiado recanto fluminense.

A criação do Instituto do Açúcar e do Alcool, a industrialização do álcool-carburante e a lei do reajustamento trouxeram notáveis benefícios e novos estímulos às atividades produtoras de Campos, atendendo, ao mesmo tempo, a exigências prementes de importantes problemas nacionais. Outro empreendimento que interessa fundamentalmente ao progresso de toda esta região é o saneamento da baixada. Retomado com vigor, ele vem restituindo, progressivamente, à economia nacional 17 mil quilômetros quadrados de terras fertilíssimas assoladas pelo impaludismo e onde já mourejam mais de quinhentos mil brasileiros. Se o saneamento da baixada constituir, para o Governo Federal, obra de grande interesse patriótico

CAMPOS

e humano, para os fluminenses, representará uma verdadeira revolução econômica.

Campos precisa voltar ao seu esplendor de outrora, ao apogeu dos últimos tempos do Império. Para readquiri-lo, não deve cuidar apenas do aperfeiçoamento dos processos da lavoura açucareira. Precisa desenvolver, também, a policultura, de tal modo que o futuro da região não repouse num produto único, melhorando, ao mesmo tempo, os métodos de exploração do solo, não somente quanto à técnica, mas, ainda, quanto à forma. O cooperativismo de produção, a parceria agrícola, a constituição da propriedade média, muito mais apta a realizar o equilíbrio social do que a grande propriedade, a industrialização crescente, são outras tantas etapas do progresso a que estão fadadas as ricas margens do baixo Paraíba, capazes de produzir tudo em excelentes condições e dispondo do mais barato gênero de transporte, que é o fluvial-marítimo.

Para alcançar tais objetivos, torna-se indispensável, entretanto, a existência de um ambiente de serenidade política, que permita concentrar os esforços nas realizações de utilidade geral, poupando-as aos sobressaltos das lutas estéreis, que, só, perturbam e não constroem.

A segurança da Pátria, o fortalecimento da unidade nacional, a estabilidade das instituições, exigem o sacrifício dos interesses menores e impõem a concórdia para o labor fecundo, a paz para a cooperação mais estreita em torno dos ideais comuns de maior prosperidade material e na defesa das conquistas morais e intelectuais da civilização cristã.

Senhores: O Estado do Rio vê orientados no melhor rumo os problemas básicos do seu progresso.

Sob a direção de um homem com as altas qualidades do Sr. Almirante Protógenes Guimarães, cujo espírito

público e virtudes de chefe já foram provadas em altos postos da administração nacional, o nobre povo fluminense pode entregar-se confiadamente ao trabalho dignificante e construtor.

Ergo a minha taça pela prosperidade cada vez maior de Campos, pelos empreendimentos fecundos do Govêrno do Estado do Rio e pelo futuro auspicioso desta unidade federativa, tão rica de tradições e de homens de valor, providencialmente dotada de recursos naturais e reservas de patriotismo que lhe asseguram posição relevante na obra comum de engrandecimento da Nação Brasileira.